

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES: CARÁTER PEDAGÓGICO E IMPLICAÇÕES NA VIDA DAS MILITANTES

Autora: Bruna Brito Ramos¹; Co-autora: Karen Emanuelle Costa Fernandes²; Orientadora:
Maria José Barbosa³

¹Universidade Federal do Ceará. E-mail: brunabritoramos@gmail.com; ²Universidade Federal do Ceará. E-mail: karenemanuelle@gmail.com; ³Universidade Federal do Ceará. E-mail: sampa.ce@uol.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender o caráter pedagógico da Marcha Mundial das Mulheres (M.M.M.) – núcleo Fortaleza-CE e suas implicações na vida das militantes que integram esse movimento social. A Marcha é um movimento social internacional feminista que luta principalmente pela liberdade e autonomia das mulheres dentre tantas questões que envolvem os direitos sociais que por muitas vezes são negados às mulheres devido ao machismo presente em sociedades diversas. Assim, a M.M.M. sendo caracterizada como movimento social deve desenvolver espaços de educação não formal a fim de propiciar que sua militância desenvolva um pensamento crítico as bandeiras de luta que defendem. Diante da finalidade apresentada, as questões trazidas são: a) qual a influência da Marcha Mundial das Mulheres na vida das militantes fortalezenses? b) como se expressa o caráter pedagógico da Marcha Mundial Das Mulheres no núcleo Fortaleza-CE? Dessa maneira, a fim de encontrar respostas para esses questionamentos foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa no primeiro semestre de 2016. As técnicas de coleta de dados foram: análise documental e bibliográfica, entrevista semiestruturada e aplicação de questionário realizado com três militantes da M.M.M. – núcleo Fortaleza-CE. A teoria abordada no artigo tem como referências autores como Samira Kauchakje, Glória Gohn, Vera Soares e Nalu Faria. Os resultados obtidos na investigação conduziram ao apontamento das matrizes pedagógicas da Marcha Mundial das Mulheres- núcleo Fortaleza-CE, através de relatos de suas militantes para, em seguida, trazer elucidações sobre como se dá o caráter pedagógico da Marcha Mundial das Mulheres- núcleo Fortaleza-CE em relação à militância.

Palavras-Chaves: Marcha Mundial das Mulheres, Caráter Pedagógico, Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais são espaços de educação não formal, que contém um teor pedagógico intrínseco, nos quais os indivíduos são orientados sobre seus direitos e deveres, não sendo feitos ao acaso e não ocorrendo em data e tempo determinados, mas sim através de ações presentes no dia-a-dia de todos os indivíduos integrantes de uma sociedade. Esses movimentos têm caráter organizacional, não privatizado. Além de lutas por melhorias sociais e coletivas. (KAUCHAKJE, 2010).

A Marcha Mundial das Mulheres (M.M.M.) é tida como um movimento social internacional de caráter feminista, sem sede fixa, porém conta com secretariado internacional, comitês nacionais, regionais e municipais, auxiliados por diversos movimentos sociais, como o sindical, o estudantil, entre outros. A inspiração para o surgimento da Marcha surgiu de uma ação social que ocorreu no ano de 1995, no Canadá, com o lema “Pão e Rosas”, em que as

mulheres se organizaram lutando por direitos e valorização do salário mínimo.

Assim, a relevância desse estudo dar-se-á pelo forte crescimento da adesão popular aos movimentos sociais, sobretudo os feministas, visto que atualmente se vive um período na sociedade brasileira em que a mulher luta mais pelos seus direitos, levando-se em consideração também que as visibilidades que estas lutas estão recebendo são incomparáveis a outros momentos vividos pelas mulheres no Brasil. Logo, a Marcha Mundial das Mulheres, núcleo Fortaleza-CE, foi escolhida para objeto de pesquisa devido se enquadrar no perfil de movimento social, suscitando a curiosidade das autoras em investigar se esse movimento contribui no aprendizado – tanto formal, como não formal – das militantes e se ele enquadrar-se no caráter pedagógico descrito por autores, como Kauchakje (2008, 2010), Gohn (2010, 2011) e Soares (1998) como inerentes aos movimentos sociais.

Desta maneira, este artigo foi embasado principalmente por estudos de autores, como Samira Kauchakje, Glória Gohn e Vera Soares, para abordar a temática dos movimentos sociais, sendo o caráter pedagógico deles pautado em Nalu Faria.

Diante disso, durante o primeiro semestre do ano de 2016 foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que o objetivo foi compreender a influência da militância na Marcha – dando ênfase ao caráter pedagógico que a M.M.M.-núcleo Fortaleza-CE desenvolve com suas militantes –. Assim, os resultados obtidos na investigação levaram a apontar as matrizes pedagógicas dos movimentos sociais e da Marcha Mundial das Mulheres-núcleo Fortaleza-CE, através de relatos de suas militantes para, em seguida, trazer-se elucidações sobre como se dá o caráter pedagógico da Marcha Mundial das Mulheres- núcleo Fortaleza-CE em relação às suas militantes, desvenda-se ainda a influência da militância na vida pessoal dessas mulheres.

4. METODOLOGIA

4.1 Procedimentos Gerais

Em primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico e documental para dar embasamento à pesquisa, que foi desenvolvida com mulheres participantes da Marcha Mundial das Mulheres – M.M.M. (núcleo Fortaleza-CE).

A M.M.M. (núcleo Fortaleza-CE) foi escolhida como movimento social para ser pesquisado devido ao fato de uma das autoras deste artigo fazer parte desse movimento, supondo-se haver facilidade em se obterem informações sobre o grupo estando incluída nele. Assim, em comum acordo, as autoras decidiram abordar a Marcha Mundial das Mulheres (núcleo Fortaleza-CE) como fonte de pesquisa.

O canal de comunicação utilizado foi o aplicativo WhatsApp por meio do grupo "MMM/CE – Mudar o Mundo"¹. Consultando-se o Núcleo Fortaleza-CE sobre a disponibilidade para responder a entrevista sobre a M.M.M., três integrantes do grupo se ofereceram voluntariamente.

Desse modo, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, tipo exploratória e descritiva, e para o recolhimento dos dados, utilizaram-se a entrevista e o questionário como técnicas de coletas de dados, que subsidiaram a escrita do artigo. A opção pela pesquisa qualitativa foi dada tanto pela relação dialógica entre pesquisador e pesquisado proporcionada por esse tipo de pesquisa, como pela compreensão de que os objetivos propostos neste artigo não são mensuráveis, pois se intencionou compreender a forma como o movimento afeta a vida das mulheres, em sua totalidade.

4.2 Procedimentos Específicos

Após as três militantes se voluntariarem para participar da pesquisa, foi questionado o melhor dia e horário para a entrevista presencial. Não havendo concordância entre o tempo livre de duas das três voluntárias e o das pesquisadoras, foi proposto que elas respondessem um questionário com catorze perguntas abertas via e-mail e à única com tempo livre coincidente foi sugerido que ela escolhesse algum local para a entrevista presencial acontecer.

Assim, a entrevista visual ocorreu no dia treze de Janeiro de 2016, com início às 19h30min, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, local proposto pela entrevistada. As perguntas da entrevista presencial foram baseadas no questionário enviado para as outras militantes, contudo a entrevista se deu de forma não-estruturada, deixando, então, a entrevistada livre para construir suas respostas.

É importante destacar que, a fim de preservar sigilo quanto a identidade das militantes que participaram da pesquisa, para a respondente da entrevista não estruturada e para aquelas que foram arguidas através de questionário com perguntas subjetivas foram adotados pseudônimos de grandes mulheres da história brasileira. Uma delas foi identificada como Dandara dos Palmares, que foi uma guerreira negra, esposa do Zumbi dos Palmares. Ela lutou, junto a homens e mulheres, contra a destruição do quilombo dos Palmares, dominava a arte da capoeira e desenvolvia estratégias de defesas junto a outros quilombolas. Outra foi chamada de Nísia Floresta, que foi educadora, escritora e poetisa. Pioneira do feminismo no

¹ Grupo de comunicação da Marcha no estado do Ceará, na data da pesquisa ele estava composto por 55 mulheres/militantes de diversas partes do estado do Ceará e com idades variadas.

Brasil foi a primeira pessoa a falar e publicar um livro² sobre o assunto no país. A terceira chamou-se Chiquinha Gonzaga, que era uma grande compositora e maestrina, neta de escravos e conhecida por quebrar vários paradigmas da época em que viveu, por exemplo, exercer a sua profissão, a qual era considerada masculina.

A seguir, apresenta-se uma breve história de vida compartimentada das entrevistadas, contadas por elas em suas respostas:

- Dandara dos Palmares tem 23 anos, é professora e graduanda em matemática. Seu primeiro contato com o feminismo foi no movimento estudantil, dentro de formações políticas da Kizomba, coletivo de jovens que faz parte até o momento da atual em que foi desenvolvido a pesquisa. Mas não começou a militar a partir do seu primeiro contato com os movimentos sociais. Sua maior motivação veio quando se deu conta do machismo que sofria, principalmente nos estádios, e o quanto isso lhe afetava. Ela relatou que "foi como se tivesse ligado os fios" do que ouvia teoricamente no movimento estudantil e o machismo que sofria presencialmente. A partir daí, resolveu militar na Marcha. Não lembra ao certo o ano em que ingressou na M.M.M., se foi em 2011 ou 2012, porém se diz estar cada vez mais engajada no movimento, participando da Batucada, que é um grupo interno da Marcha, no qual as integrantes escrevem e tocam músicas feministas em atos, reuniões e eventos que julguem necessário.
- Nísia Floresta tem 29 anos, é mestre e graduada em Jornalismo. Está na Marcha há quase três anos e é do coletivo de comunicadoras, grupo responsável por pensar uma comunicação feminista que possa dar voz às mulheres e às suas lutas. Conheceu a M.M.M. através de outro movimento em que militava, chamado de Juventude Alternativa Terrazul. Também falou que se identificava com as pautas feministas e que o feminismo lhe ajudou a sair de um relacionamento no qual foi, por anos, vítima de violência psicológica. Relatou que o feminismo lhe ajudou a recuperar sua autoestima, a entender que o que passou não era um problema dela, não era culpa dela. "Me reconhecer nas outras me fez entender que eu não estava sozinha" (Nísia).
- Chiquinha Gonzaga tem 22 anos, é estudante de ensino superior incompleto. Conheceu a Marcha através de sua mãe e irmã, que são militantes. Faz seis anos que está no movimento e é responsável pelo grupo da Batucada do núcleo Fortaleza-CE.

² O título do livro é *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, inspirado no livro *Vindications of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft.

Ingressou no movimento por perceber uma necessidade de um movimento feminista, porque segundo Chiquinha,

...você se empodera, você se liberta, liberta sua família e vai desconstruindo tudo aquilo que é colocado pra gente diariamente, por mais difícil que seja, porque não é fácil você romper com o patriarcado, porque ele está presente em todos os espaços que a gente tá presente. E por mim, sozinha eu não conseguiria compreender o quanto a gente é marionete desse sistema. A partir desse movimento e o processo de formação[...] a gente vê que não é isso que a gente quer e que não é sozinha q a gente vai conseguir acabar com isso, não é uma luta isolada e sim tem que ser uma luta coletiva, consciente.

Diante disso, para uma melhor análise de dados, as respostas obtidas nas entrevistas foram separadas de acordo com a temática que abordavam, gerando assim dois grupos de respostas: 1) sobre a influência da M.M.M. nas vidas das militantes; 2) a respeito do caráter pedagógico da Marcha Mundial das Mulheres (núcleo Fortaleza-CE), as quais subsidiaram as autoras para êxito na obtenção dos seus objetivos de pesquisa pré-estabelecidos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 A influência da Marcha Mundial das Mulheres na vida das militantes fortalezenses

De acordo com as respostas obtidas das militantes da Marcha Mundial para Mulheres, observa-se uma verdadeira transformação na vida dessas pessoas. Elas são mulheres jovens, trabalhadoras, com níveis intelectuais diferentes, mas que compartilham o mesmo pensamento sobre a opressão da sociedade patriarcal. Não aderiram à M.M.M. logo no primeiro contato, mas, depois de participar de encontros, oficinas e conversar com membros do grupo, terminaram por se identificar nas situações vividas pelas mulheres. Estas mulheres ao aderirem ao movimento social citado descobriram inúmeros direitos sociais que lhes são retirados pelo fato de pertencerem ao sexo feminino. Essa descoberta inflamou o anseio pela luta em busca de igualdade perante aos outros indivíduos pertencentes da sociedade que vivem.

Chica da Silva, através de um movimento social em espaços não formais de educação, em contato com seus semelhantes, tornou-se uma mulher visionária, buscando uma vida melhor para si e para todos que estão envolvidos no seu cotidiano, no qual a mobilização acontece. Outras pessoas da sua família também se integraram à M.M.M., o que as influenciou positivamente, levando-as à participação em cursos de capacitação e até mesmo no ingresso em universidade.

Outra militante, cujo codinome é de Dandara dos Palmares, sentiu-se motivada quando se deu conta do machismo que sofria, principalmente nos estádios. Em seu depoimento ela fala

A Marcha mudou minha vida! Não tenho mais como dissociar a Dandara dos Palmares militante feminista da Dandara dos Palmares na vida pessoal ou profissional, justamente por entender que o machismo ocorre toda hora em todos os espaços, então o meu combate também... Além de que pra mim não tem como falar de feminismo sem falar de solidariedade. Me dói muito ver mulheres sofrendo física e psicologicamente... reproduzindo o machismo.

Dandara dos Palmares descobriu a sua liberdade como militante, sua igualdade no contexto social, no qual cuidar da casa e dos filhos não é obrigação apenas da mulher, mas de todos que estão envolvidos na constituição da família. Ela aprendeu a exercer sua sexualidade livremente, sem se sentir inferior a ninguém, sendo, portanto, um ser humano que compartilha de igualdade. Ela declara que, através da influência da M.M.M., já escreveu vários artigos sobre mulheres da matemática, quebrando paradigmas. As formações, os espaços políticos e os congressos são elementos que contribuíram para certa maturidade, no modo de pensar, falar, escrever e em seu senso crítico, e que tais ferramentas são utilizadas na academia. Assim denomina Soares (1998, p.35) “as mulheres — novas atrizes —, ao transcenderem seu cotidiano doméstico, fizeram despontar um novo sujeito social: mulheres anuladas emergem como inteiras, múltiplas”.

A M.M.M. não acontece aleatoriamente, pois necessita de planejamento e organização através do apoio de mídias e digitais. Nísia Floresta mantém o Blog da Marcha Mundial das Mulheres, em que é divulgado todo o processo do movimento, contendo vídeos e informações sobre a sua história, a batucada feminista, a Operação Lambe-Lambe, o Coletivo de Comunicadoras, o Buteco das Mina e outras atividades. Quanto às inovações, ao definir os movimentos sociais feministas, Soares (1998, p.38) considera que

Os movimentos de mulheres, como outros movimentos sociais, são movimentos não-clássicos, na medida em que transcorrem nas esferas não-tradicionais de organização e ação política — a novidade é que tornaram visíveis a prática e a percepção de amplos setores sociais que geralmente estavam marginalizados da análise da realidade social, iluminaram aspectos da vida e dos conflitos sociais em geral obscurecidos e ajudaram a questionar velhos paradigmas da ação política.

Algo a enfatizar, por meio dos resultados obtidos na pesquisa, é que as mulheres que abraçaram a M.M.M. têm sempre uma história para contar sobre superação de alguma situação ruim vivida causada pela opressão machista, entre elas encontra-se Nísia Floresta, que relata

Me identificava com as pautas feministas e o feminismo me ajudou a sair de um relacionamento na qual fui por anos, vítima de violência psicológica. O feminismo ajudou a

recuperar minha auto-estima, a entender que o que passei não era um problema meu, não era culpa minha. Me reconhecer nas outras, me fez entender que eu não estava sozinha.

Nísia Floresta é uma jornalista e identifica a atuação do machismo e do patriarcado sobre sua vida pessoal e profissional. Ela afirma que há divisão sexual no trabalho doméstico na sua própria casa, o que a torna mais solidária com sua mãe e sua irmã. Por ser militante, ela se vê muitas vezes em situações desconfortáveis. Nísia diz ainda que talvez tenha mudado sua percepção sobre o mundo nesse processo formal. Portanto, ela procura usar uma linguagem inclusiva nos textos, lendo e pesquisando sobre o feminismo, o que lhe permite a descoberta de outras autoras. Diante disso, Soares (1998, p. 39-40) complementa que “a participação nestes movimentos levou muitas mulheres a reunirem condições de questionar as relações de gênero, suas relações não-igualitárias com seus maridos, famílias e comunidades”.

Pode se afirmar, portanto, que a M.M.M., através de suas intervenções, tem ganhado espaço no contexto social ao influenciar positivamente na qualidade de vida de muitas mulheres.

5.2 O caráter pedagógico da Marcha Mundial Das Mulheres- núcleo Fortaleza-CE

As ações presentes nos movimentos sociais têm se mostrado uma ferramenta de desenvolvimento e ampliação de princípios educativos, e a partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foi possível confirmar que a educação também se encontra presente nesses movimentos, pois já no seu artigo 1º afirma-se que a educação abrange os processos formativos, que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Tais movimentos trazem propostas e reivindicações que além de pertencerem ao aspecto político, são também relacionados ao caráter cultural, histórico, geográfico, econômico e social. Nesse sentido, a autora Kauchakje afirma que

[...]os principais temas dos movimentos sociais, hoje, podem ser agrupados em: identitários e culturais (gênero, etnia, ciclo de vida, diversidade cultural, por exemplo); direitos de cidadania, políticas e serviços públicos (mundo do trabalho, saúde, educação, segurança alimentar, direitos humanos, entre outros); transformações econômicas e políticas globais (projetos econômicos e sociais alternativos ao capitalismo, principalmente); sustentabilidade socioambiental local e global (meio ambiente, biodiversidade, pobreza, justiça social global, etc.) (KAUCHAKJE, 2008, p.680).

Dentro dessa perspectiva, percebe-se a formação do caráter pedagógico tanto para uma proposta de uma educação formal, quanto informal, pois o militante passa a ser transformador e construtor do seu próprio conhecimento, através dos saberes prévios das realidades enfrentadas pelos movimentos, a fim de transmiti-los ou aprimorá-los. Ao abordar esse tema, Kauchakje sustenta que

A participação direta ou a própria dinâmica social decorrente da existência de movimentos sociais na sociedade parece propiciar o aprendizado de participação aos membros que compõem experimentos participativos e inovações democráticas como: conselhos, fóruns, conferências, participação em orçamento, audiência pública e ONGs movimentalistas, por exemplo (KAUCHAKJE, 2007, p.90).

À medida que se percebe a existência de uma matriz educativa presente nos movimentos sociais, percebe-se, também, o desenvolvimento cultural que o movimento causa aos sujeitos participantes deles, tanto nos processos de educação formal quanto informal.

Assim, a Marcha Mundial das Mulheres em Fortaleza também apresenta a característica de promover o fazer educativo, pois através de suas ações, acontece o aprendizado dos direitos, a conscientização social e a mudança do pensamento no que diz respeito à valorização da condição humana e à desigualdade entre gêneros. Como foi exposto pela militante Dandara dos Palmares que, ao ser questionada se o movimento a incentivou a estudar mais, ou praticar o ato da leitura, ela respondeu:

[...] Leio muitos artigos na internet, no próprio blog da marcha, compro livros sobre o tema e sempre tento acompanhar as notícias sobre violência contra a mulher. Como é um assunto que muito me interessa, eu devoro conteúdos relacionados, nem sinto que estou lendo. E nas reuniões da marcha sempre lemos alguns textos, além de textos que algumas companheiras indicam.

A M.M.M. tem tido uma grande ação educativa, não apenas pela propagação de discursos ou ideias conscientizadoras, mas também pelo processo de formação e desconstrução do pensamento reprodutor do machismo e da desigualdade de gênero. Entendido isto, Gonh afirma que “os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas; atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social” (GONH, 2011, p.336).

Assim, dentre temas recorrentes, aqueles relacionados com o contexto social que a mulher brasileira, cearense e fortalezense convive ganham destaque nas discussões promovidas nas reuniões da M.M.M., a militante Nísia Floresta, 2016, frisou que

Nossas lutas provêm de temas que ainda custam caro para a vida das mulheres, como o combate à violência contra a mulher e a legalização e a descriminalização do aborto; também a luta pela autonomia econômica das mulheres, como a questão da igualdade salarial, o direito à creche, inclusão produtiva das mulheres e a agroecologia

Diante das falas das entrevistadas, nota-se que a luta pelos direitos femininos em geral é a principal motivação da M.M.M., o que condiz com o pensamento de Gonh (2011, p.347), que destaca que "o tema dos direitos é fundamental, porque dá universalidade às questões sociais, aos problemas econômicos e às políticas públicas, atribuindo-lhes caráter emancipatório".

No tocante a metodologia adotada pela M.M.M. a aquisição de conhecimentos e a experiência das militantes são a base para a formação da metodologia do movimento, já que é por meio da leitura, de oficinas, das formações e da utilização da linguagem artística, como a Batucada, que é construída a prática das ações da M.M.M.. Em um dos diálogos das entrevistas, a militante Dandara dos Palmares, 2016, resume a metodologia utilizada na Marcha quando fala que "A metodologia depende do que estamos fazendo, da pauta da reunião, se é uma formação. No geral sempre tem falas e encaminhamentos com tempos estipulados".

Ou quando a Chiquinha Gonzaga, 2016, descreve que o que percebe na metodologia é

Educação formal, até porque entendemos que a forma que a educação é dada hoje é da forma que foi na ditadura militar. Então a gente procura locais abertos, públicos, ou nos bairros, dentro da universidade, prioriza locais públicos, que outras mulheres possam ver e se sentir à vontade, não aquela coisa que a gente senta e fica ouvindo a pessoa, você contribui pra o debate. A gente faz as formações e reuniões em formato de círculo, pra que todas possam se ver, e tal, ninguém fique à frente nem outra atrás.

Além disso, traz uma dinâmica mais acessível, pois, conforme afirma, a M.M.M. é um movimento que se constrói em um campo popular e nem sempre a linguagem é acessível a todas. Por isso, utiliza-se a batucada e a cultura em geral para dar visibilidade aos temas e conversar melhor com as pessoas (Nísia Floresta, 2016).

Enfim, o aprendizado presente na M.M.M. acontece antes e depois das "lutas", sempre seguindo o contexto das causas femininas, podendo-se destacar a aquisição de conhecimento na prática, ao se compreender como se organizar, como participar, como se unir e que eixos escolher; a aprendizagem política e econômica, a partir dos conhecimentos dos direitos e deveres; o aprendizado de caráter social e cultural, ao se identificarem as diferenças, as diversidades. Destacam-se ainda o exercício intelectual, por meio da construção de uma linguagem comum – que possibilita ler o mundo, decodificar temas e problemas, perceber/descobrir e entender/compreender seus interesses no meio de um turbilhão de propostas que se defrontam, como de falar e ouvir em público e como se comportar em espaços diferenciados; a aprendizagem cognitiva, que acontecem

a partir de novos conteúdos, temas ou problemas criados pela participação em eventos, na observação das ações, na escuta de informações etc. Enfatiza-se ainda, nesse contexto, o aprendizado de prática pessoal, através da reflexão de práticas geradora de saberes, e o aprendizado ético, a partir da vivência ou da observação do outro, centrada em valores, como bem comum, solidariedade, compartilhamento, valores fundamentais para a construção de um campo ético-político (GONH, 2011, p.353).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs, principalmente, a compreender a contribuição da militância na Marcha Mundial das Mulheres na formação integral e no aprendizado das mulheres participantes desse movimento em Fortaleza, como também o seu caráter pedagógico.

Paralelamente foi feita uma entrevista com militantes da Marcha Mundial das Mulheres em Fortaleza-CE e um questionário. Obteve-se sucesso nessa parte da pesquisa, pois as três militantes que se voluntariaram mostraram-se muito solícitas e empenhadas em responder, além de terem demonstrado muito conhecimento e entendimento do propósito da Marcha. Percebe-se que são mulheres engajadas politicamente e conscientes enquanto participantes do movimento.

Assim, entende-se que as hipóteses levantadas inicialmente foram confirmadas, já que a participação nesse movimento social levou as entrevistadas aos conhecimentos identitários e culturais, aos direitos de cidadania, às políticas e aos serviços públicos, às transformações econômicas e políticas globais, à sustentabilidade socioambiental, local e global, que Kauchakje, 2008, retrata, ou seja, através da participação nesse movimento foram ampliados seus conhecimentos em várias áreas.

Ainda no tocante ao caráter pedagógico da M.M.M., compreendeu-se, por meio das respostas obtidas na entrevista e na aplicação do questionário, que este movimento social por meio da ação pedagógica que desempenha estabelece uma maneira crítica e reflexiva de pensar por parte das militantes; dessa forma, elas estão conseguindo emancipação em algumas áreas de suas vidas, emancipação esta que é também um objetivo da educação e essencial ao ser humano.

Por fim, considera-se que as militantes são conhecedoras de seus direitos e lutam para o seu cumprimento diante do machismo e do capitalismo presentes em nossa sociedade. São pessoas que melhoram até mesmo suas formas de se expressarem já que são promovidos debates, nos quais todas podem falar, fazendo, como ocorria na

Grécia antiga, onde os cidadãos se reuniam na ágora para os debates públicos. O movimento promove ainda cursos, oficinas e formações, em que são possibilitados a essas mulheres acessos a diversas informações culturais, viabilizando, com isso, a passagem de uma consciência ingênua para crítica, não somente quanto a questões pessoais, mas também quanto as suas vidas.

Portanto, está claro que o caráter pedagógico da Marcha promove um real desenvolvimento a essas mulheres, que passam de indivíduos pertencentes a uma sociedade para cidadãos da sociedade, conscientes de seus direitos e deveres, buscando, assim, melhores condições de vida para si e para todos a sua volta, lutando para que não somente elas, mas que todas as mulheres tenham seus direitos respeitados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

FARIA, Nalu. **Feminismo em marcha para mudar o mundo**. Disponível em: <<http://sof2.tempsite.ws/wp-content/uploads/2015/07/Feminismo-em-marcha-para-mudar-o-mundo-Nalu-Faria.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016

FLORESTA, Nísia. **Questionário I**. [jan.2016]. Pesquisadores: Bruna Brito Ramos e Karen Emanuelle Costa Fernandes. Fortaleza, 2016

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Educação. In ALMEIDA, M.L.P., JENIZE, E. (org.) **Educação e movimentos sociais: novos olhares**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na Contemporaneidade. In **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011, p.333-361. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2016.

GONZAGA, Chiquinha. **Entrevista I**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Bruna Brito Ramos e Karen Emanuelle Costa Fernandes. Fortaleza, 2016.

KAUCHAKJE, S. Movimentos Sociais no Século XXI: Matriz Pedagógica da participação sociopolítica. In ALMEIDA, M. L. P, JENIZE, E. (org.) **Educação e movimentos sociais: novos olhares**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.

KAUCHAKJE, S. Solidariedade política e constituição de sujeitos: a atualidade dos movimentos sociais. In **Sociedade e Estado**, Brasília . v. 23, n. 3, p. 667-696, set./dez. 2008.

PALMARES, Dandara dos. **Questionário I**. [jan.2016]. Pesquisadores: Bruna Brito Ramos e Karen Emanuelle Costa Fernandes. 2016

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. In: Mulher e Política – Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.

TORNQUIST, Carmen Susana; FLEISCHER, Soraya Resende. Sobre a Marcha Mundial das Mulheres: entrevista com Nalu Faria. In **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(1): 344, janeiro-abril/2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100016/21948>> Acesso em: 19 jan. 2016.